

## OS TRABALHOS DE CAMPO COMO CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA: TURISMO, LUGAR E PATRIMÔNIO.

*Jean Carlos Vieira Santos.*

Doutorando do Instituto de Geografia da UFU - Bolsista Capes  
Professor da Universidade Estadual de Goiás – UEG.  
svcjean@yahoo.com.br.

*Leomar Tiradentes.*

Doutorando do Instituto de Geografia da UFU - Bolsista Capes  
Professor de Geografia do Colégio de Aplicação da UFV.  
leotiradentes@yahoo.com.br

*Rosselvelt J. Santos.*

Professor do Instituto de Geografia da UFU  
Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFU.  
leotiradentes@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente artigo é referente ao trabalho de campo que teve como área de estudo duas áreas rurais do Município de Araguari (Triângulo Mineiro) denominados de Buracão e Fundão, executado na disciplina “Turismo e Espaço: os usos do rural e do urbano”, desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo deste artigo é analisar os patrimônios, heranças e modos de vida na formação da paisagem sócio-cultural do lugar e buscar entender os mesmos como possível potencialidade turística regional e uma opção de trabalho de campo para o ensino de geografia. Composto o patrimônio cultural do lugar estão: o patrimônio material e imaterial, fortemente perceptível na paisagem. Encontra-se no lugar algumas construções históricas de significativo valor cultural, assim como elementos constitutivos da cultura: a religiosidade, a culinária, os festejos, o artesanato, entre outros, construídos historicamente na formação da paisagem sócio-cultural do lugar. Quanto aos aspectos metodológicos, em primeiro plano foi realizada a pesquisa documental, tendo por base o levantamento das referências bibliográficas, e posteriormente o contato informal com os moradores locais. Conclui-se que os patrimônios materiais e imateriais da comunidade estudada representam atrativos turísticos importantes para o trabalho de campo e o ensino da geografia.

**Palavras chave:** Turismo, Paisagens, Lugar e Modo de Vida.

**Abstract:** The present article refers to the field work that has as its main objective, the study of two agricultural zones located in the city of Araguari (Triângulo Mineiro) that are also called Buracao and Fundão. This article was carried through the discipline of “Tourism and Space: the uses of the agricultural area and the urban one”, developed to the Program of Pós-Graduation in Geography of the Uberlândia’s Federal University. The objective of this article is to analyze the patrimonies, inheritances and the way of life in the formation of the social-cultural landscape of the cited areas, just like trying to understand them as a possible potentially regional touristic place and as option of field work for the geography education. Forming the cultural patrimony of the place are: the material and incorporeal patrimonies, strongly noticed in the landscape. There are some historical buildings with relevant cultural values, as well as constituent elements of the culture: the religiosity, the typical food dishes, the typical parties, the handmade products, among others, created historically in the formation of the social-cultural landscape of the place. Inside the methodologic aspects, in first plan the documentary research was carried through, having as base the survey of the bibliographical references, and later the informal contact with the local inhabitants. Can be concluded that the material and incorporeal patrimonies of the studied community represents attractive touristic importance to the field work and the education of geography.

**Keys words:** Tourism, Landscape, Place; Way of life.

## **INTRODUÇÃO**

As localidades rurais denominadas de Buracão e Fundão, não constituem um Distrito de Araguari, são duas áreas rurais localizadas as margens do Rio Araguari - limite dos municípios de Araguari e Uberlândia - e que apresentam em seu cotidiano uma relação de proximidade entre os seus habitantes, visível; na sociabilidade de uns com os outros, na vida social instituída, nas especificidades, nos modos de vida, na religiosidade, entre outros, o que constituem uma área de grande interesse para o estudo da geografia local.

De acordo com a população local o significado dos nomes Buracão e Fundão estão ligados diretamente ao isolamento que essas áreas rurais possuíam quando do seu processo inicial de ocupação no início do século passado. A região porem, foi ocupada inicialmente por silvícolas de origem Caiapó, que na literatura de Santos [1] são caracterizados com as seguintes palavras:

Os primeiros habitantes do cerrado do oeste mineiro, isto é, do Sertão da Farinha Podre, foram os Caiapós meridionais. Esse nome designava os grupos do Tronco Macro-Jê, lingüisticamente aparentados, que habitavam a região e mais uma vasta área, correspondente aos atuais estados de MG, GO,

SP, MS e MT, à época da chegada dos primeiros colonizadores luso-brasileiros (p.41).

Borges [2] considera que, na fase inicial do uso dessas paisagens, um dos primeiros contatos entre os povos brancos e índios na região ocorreu posteriormente ao dia três de julho de 1722, quando saiu da Vila de São Paulo uma Bandeira sob o comando de Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o “Anhanguera”, atravessando o Sertão da Farinha Podre, atual região do Triângulo Mineiro e parte do Alto Paranaíba, onde os índios Caiapós que habitavam a região reagiram com violência à penetração dos brancos em sua terra. Essa região ficou conhecida, então, como o “Sertão da Farinha Podre”, em função de ter sido encontrado, durante uma das bandeiras, realizada pelo sargento-mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, à margem de um ribeirão, nas proximidades de Engenheiro Lisboa, município de Sacramento, um esconderijo com uma bruaca de couro cru contendo farinha deteriorada pelo tempo, razão de lhe ter sido dada a denominação de ribeirão da Farinha Podre, cujo topônimo generalizou-se por toda paisagem regional, que como tal passou a ser tratada pelos atores representantes dos poderes públicos.

No atual Triângulo Mineiro, as comunidades de Buracão e Fundão estão localizadas ao sul do município de Araguari, nas proximidades da rodovia BR-050, que liga as cidades de Araguari e Uberlândia, fazendo parte da Bacia do Rio Araguari, importante afluente do Rio Paranaíba, fronteira natural entre Goiás e Minas Gerais.

O objetivo deste artigo é analisar os patrimônios, heranças e modos de vida na formação da paisagem sócio-cultural do lugar e buscar entender os mesmos como possível potencialidade turística regional e uma opção de trabalho de campo para o ensino de geografia, que também têm em seus aspectos culturais, contribuições significativas na formação histórica dessa paisagem. De acordo com Santos [3]:

Também se entende que, no processo de formação das comunidades, apresentaram-se contingências históricas que se caracterizam nas entrelaçadas práticas institucionais e individuais, aliada as características estruturais da sociedade. Neste processo, as pessoas procuraram, na construção dos lugares, deixar as suas marcas, estabelecendo significados, principalmente no que diz respeito aos simbolismos dos objetos, chegando a reconhecer-se nos seus antepassados, expressando uma autoconsciência do lugar e das suas identidades. ( p. 22)

Na formação do espaço vivido do distrito as pessoas foram estabelecendo cotidianamente suas relações sociais, nas tarefas desempenhadas, nas possibilidades e imposições da vida em comunidade. Dessa forma, os moradores foram desenvolvendo seus modos de vida, seus patrimônios materiais e imateriais, presentes na arquitetura, artesanato, religiosidade, simbolismos e culinária. Isso tudo foi formando sua identidade e seus pertencimentos, já que “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte, Claval [4 - p.63]”. A partir desses elementos da cultura, Buracão e Fundão tornam-se um lugar de vivência, sobrevivência e de interação de seus moradores com seu meio. A comunidade foi dotada de valores sociais a partir de uma construção histórica, assim, formou-se uma paisagem sócio-cultural repleta de representações e conteúdos concretos que foram se metamorfoseando em elementos simbólicos de relevante sustentação social.

O presente texto é referente ao trabalho de campo realizado na disciplina “Turismo e Espaço: os usos do rural e do urbano”, desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IG-UFU). Quanto aos aspectos metodológicos, em primeiro plano foi realizada a pesquisa documental, tendo por base o levantamento das referências bibliográficas, e posteriormente o contato informal com os moradores locais. Na Geografia as excursões de campo não são resumidas apenas aos interesses específicos. Mas são pesquisas desenvolvidas que tem apresentado contribuições para o entendimento das relações sócio-espaciais produzidas pelos grupos sociais e com isso temos enriquecido o entendimento, por exemplo, das formas de uso do solo, do meio ambiente, dos aspectos sócio-culturais, dentre outros.

É importante lembrar que a proposição de um trabalho de campo ou visita técnica<sup>1</sup>, procedimento que permite a leitura direta e enriquecedora das tramas sociais que ocorrem no lugar, paralelamente ao desenvolvimento de atitudes, revela, para sua realização, uma série de decisões práticas que muito dependem das experiências do pesquisador. Desse modo, o campo é um recurso muito importante e útil para a academia desvendar as lógicas sociais que operam em cada lugar. Nesse contexto, Santos [3] diz que o trabalho de campo não se limita apenas a ouvir as pessoas; ao sentido que elas dão às coisas; ao terminado. A importância do empírico é promover contato, ou seja, é a análise voltada para as tendências de interpretações que os pesquisados promovem do mundo, num movimento dinâmico orientado pelas determinações sociais do seu lugar.

Pode-se dizer que a presença no campo é a relação íntima do pesquisador com a paisagem estudada. Os relatos de campo revelam as emoções, as memórias e pertencimentos das pessoas aos lugares. Desse modo, o trabalho de campo, independente da paisagem a ser visitada, merece uma reflexão dos aspectos observados e sobre os novos conceitos com que se opera. Portanto, na seqüência deste trabalho serão apresentadas as observações empíricas das atividades realizadas nas áreas rurais de Buracão e Fundão (Araguari – MG), mas a seguir será destacada a primeira etapa de construção do artigo, ou seja, a discussão teórica.

### **CATEGORIA LUGAR NA ANÁLISE GEOGRÁFICA: DISCUSSÃO TEÓRICA**

Como se trata de um conceito importante na pesquisa geográfica examina-se a seguir as diferentes abordagens e reflexões teóricas, buscando entender esse conceito a partir dos aspectos e discussões considerados importantes na formação sócio-cultural das áreas de estudos nos Cerrados do Município de Araguari. Isto é, o objetivo aqui é compreender os lugares a partir de suas seduções, atrações, motivações, representações simbólicas, heranças, patrimônios e o vivido das populações cerradeiras do lugar. Neste contexto, Santos e Alves [5] destacam que:

Além das instituições, os cerradeiros criaram e adquiriram objetos e estes foram sendo carregados de significados. Na unidade de produção familiar rural, as posses destes definiam a situação dos seus membros, principalmente o pioneirismo, a religiosidade, as habilidades, dentre outros. Saber analisar o significado social dos objetos é parte do processo de conhecimento de um determinado grupo social ou comunidade, pois eles também representam aspectos moral, das crenças e dos valores individuais e coletivos de seus membros (p.87).

Compreende-se que, devido às relações do meio urbano com o meio rural, na área onde foi desenvolvido o trabalho de campo, os simbolismos, religiosidades, técnicas produtivas e costumes regionais não estarão

---

<sup>1</sup> Algumas referências discutem o conceito de Vista Técnica, recomendamos a leitura do seguinte livro: **VELOSO**, Marcelo Parreira. **Visita Técnica - uma investigação acadêmica**. Goiânia: Editora Kelps, 2000.

presentes somente na zona rural, mas também no pequeno núcleo urbano. E que defender esses elementos naturais, culturais e históricos de comunidades como Buracão e Fundão não é responsabilidade apenas de uma parte da população local, mas de todos que a compõem. As relações sociais, vistas no plano da vida cotidiana, são retratadas na prática sócio-espacial, concretizadas no modo como as pessoas se apropriam do espaço, organizado por modelos sócio-culturais, isto é, esses espaços constituem os lugares onde se realiza a vida humana, determinando-a conforme seus hábitos e costumes.

Carlos [6] destaca que nas ciências humanas e, particularmente, na Geografia, o problema da redefinição do lugar emerge como necessidade diante do esmagador processo de globalização que se realiza, na contemporaneidade, de forma mais acelerada do que em outros momentos da história. Compreendendo o lugar no contexto da globalização, a autora cita que nele “desenvolve a vida em todas as suas dimensões” e este objeto de estudo da Geografia é “a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar”. Essa discussão é fundamental para buscar compreender como os significados e simbolismos encontrados nas áreas de estudo são relevantes na construção dessa paisagem. Carlos [6] escreve que “o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua [...]”. Cara [7] escreve que construímos as nossas representações de mundo a partir dos lugares:

En Geografía el cotidiano se ha revalorizado a partir de conceptos de identidad, de espacio vivido, y fundamentalmente a partir del concepto de lugar. Construimos nuestra representación del mundo a partir de lugares. Sin embargo, tiempo y espacio confluyen en lo cotidiano (p.69).

O lugar é o resultado da arte, obra e entrega de cada habitante. Carlos [6 – p.25] mostra que se pode buscar o “entendimento do lugar nas práticas mais banais e familiares, o que incita pensar a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se instala no insignificante, no parcelar, no plural”. Outra abordagem encontrada é a de Moraes [8], “que propõem a Geografia como estudo da individualidade dos lugares”. Nas argumentações de Carlos [6] o lugar não seria definido apenas pela escala:

[...] mas como parte integrante de uma totalidade espacial fundamentada na divisão

espacial do trabalho como produto direto da morfologia social hierarquizada. Nessa perspectiva pode-se pensar o lugar definido a partir dos entrelaçamentos impostos pela divisão (espacial) do trabalho, articulado e determinado pela totalidade espacial (p. 33).

Santos [3] considera o vivido “como resultado de fatos que elevam o lugar como pertencimento, como uso do real”, isto é, “considerar o lugar como sendo a expressão de relações em que emerge o vivido, porque é nele que ocorre a unidade da vida social, seguramente, estaremos em condição de não banalizarmos as diferenças (p.121)”. Nesta mesma perspectiva, Santos [3] considera ainda que o lugar é geral e particular das relações sociais de produção e como tal pode indicar as diferentes formas de expressão dos fenômenos sociais, as formas desiguais de reprodução da sociedade devem ser interpretadas para além das perspectivas economicistas e evolucionistas. Para serem profundas, devem considerar o movimento que reproduz as contradições que integram e opõem diferentes sociedades.

Difícilmente conseguiríamos construir um único conceito de lugar na íntegra, principalmente fundamentado nas palavras dos autores citados, onde o principal ponto de partida está na complexidade do termo, resultando as definições de toda uma experiência de pesquisa. Portanto, derivada das percepções acadêmicas de um acentuado contraste existente nas várias linhas de pesquisa da Geografia, ou seja, é resultado da experiência acumulada em estudos de campo diversos sobre o espaço geográfico. O lugar, por sua vez, é constituído de indivíduos que habitam seus espaços e que, por conseguinte, imprimiram neles sua cultura. Dessa forma, a identidade sócio-cultural coloca novamente os seres humanos como atores na produção e reprodução da vida social e dos lugares Bezzi, [9]. Para a autora:

[...] o lugar sempre envolve uma apropriação e uma transformação do espaço e da natureza, dos quais depende a reprodução e a transformação da sociedade no tempo e no espaço. Como tal, o lugar não é apenas aquilo que é observado na paisagem, mas o cenário para as atividades e a interação social (p.224).

A obra enfatiza que, se os fenômenos estão interligados na formação do lugar ou região, então eles não estão submetidos a leis universais, mas variam de acordo com as circunstâncias históricas. Nesse prisma, serão



apresentados a seguir os resultados do trabalho de campo nos lugares denominados Buracão e Fundão, com seus significados, patrimônios, pertencimentos e simbolismos.

### **OS SIGNIFICADOS DO LUGAR NOS CERRADOS DE ARAGUARI.**

Durante o trabalho de campo foi possível compreender a composição do patrimônio cultural do lugar, destacando entre eles o patrimônio material e imaterial, bastante perceptível na localidade. Entre seus bens materiais, construídos por meio das técnicas desenvolvidas pelos moradores, estão a capela (Foto 01) e um cruzeiro (marco importante na fundação do lugar), um lugar restrito a orações e também local das tradicionais festas religiosas. Nessas paisagens de Cerrado no interior do Brasil, os cruzeiros apresentam um forte símbolo para seus habitantes, ou seja, eles representam a religiosidade da comunidade e demarcam um lugar sagrado onde às pessoas se dirigem para fazer orações.

Na região também é possível visualizar outros símbolos. Nas fazendas localizadas na área de estudo, foram citados como exemplo outros cruzeiros, antigas sedes de fazenda e também, cabeça de boi. Nesta comunidade é comum entre os criadores/fazendeiros pendurar, em lugar de destaque, na propriedade, a cabeça de animais, que assumem conteúdos simbólicos “para cortar inveja – olho gordo” entre outros, símbolo da religiosidade local.



**Foto 01:** Capela da Comunidade de Fundão em Araguari-MG, importante marco social e cultural da comunidade. Foto: VIEIRA SANTOS, 2008.



Na perspectiva das transformações do mundo moderno que também afetam as comunidades tradicionais do cerrado, existem as tradicionais festas dos padroeiros das capelas locais. Os principais eventos acontecem normalmente no mês do padroeiro do lugar, onde os moradores saem pedindo doações nas propriedades próximas para arrecadarem fundos para a comunidade, sendo que a principal fonte de renda é a comercialização das refeições.

Na produção artesanal do lugar destaca-se a produção local de quitandas, rapaduras e pingas. Como os utensílios domésticos tradicionais ainda são usados para produzir alguns pratos, as quitandas e os doces, em alguns casos são feitos no fogão à lenha; e a maior parte dessa produção é para consumo familiar, com uma composição que nos remete a cultura, aos costumes e as tradições do lugar e que se constituem numa gastronomia muito apreciada no lugar, mas que foram sofrendo adaptações, devido às imposições e as exigências da modernidade.

Além dos cruzeiros, das cabeças de boi, das capelas e da produção artesanal, da área de estudo, apresenta alguns casarões antigos, nesse caso, a arquitetura representa identidades e pertencimentos para os moradores. Percebe-se na área pesquisada uma forte contribuição da cultura lusitana na constituição da paisagem. Seguramente trata-se da presença de migrantes portugueses e descendentes que ali viveram e foram dando significados as suas posses.

Na região, as fazendas e os objetos de uso local fazem parte de um processo de ocupação do cerrado que deixou marcas profundas na paisagem mostrando as especificidades de um período em que o comércio do gado foi relevante para a comunidade. Trata-se de um período, cuja investigação histórica nos revela fatos da formação da cidade de Araguari e também de Uberlândia, bem como o entendimento das manifestações, dos comportamentos, das habilidades e dos saberes das pessoas que continuam vivendo no lugar.

Dentre os maiores atrativos naturais e culturais do lugar, na pesquisa de campo, foram citados: o Rio Araguari (Foto 02), importante local de pesca e lazer; as capelas espalhadas pelas fazendas e as antigas estações ferroviárias que se encontram totalmente abandonadas após a desativação da linha férrea que passava na região com destino às cidades goianas.



**Foto 02** - Rio Araguari, importante local de lazer e turismo na região. Foto: Leomar Tiradentes, 2008.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo abandonadas, algumas construções da área de estudo possuem um significativo valor cultural para a comunidade local, pois ainda são edifícios de relevância arquitetônica, que revelam a história do lugar e técnicas de construções bem antigas. Percebe-se que ainda existem resquícios de um passado histórico, cujo patrimônio é composto por casarões simples que evidenciam modos de vida de outra época, mas que esses elementos ainda podem proporcionar um fluxo de pessoas e capital que valorize a economia da região, bem como se misturar às novas situações sócio-espaciais vivenciadas pela comunidade, o que as tornam um importante atrativo turístico conjuntamente com o Rio Araguari.

Nos costumes e hábitos de muitos moradores ainda é possível encontrar vários saberes que vão deste a gastronomia até as festas religiosas. Desse modo, muitos elementos da cultura local, ainda estão alicerçados em um modo de vida tradicional rural, visíveis na forma com que muitos moradores praticam sua religião, constroem seus templos, preparam seus alimentos, organizam e realizam seus encontros comunitários. A partir do apresentado, pode-se dizer que os patrimônios materiais e imateriais que compõem a paisagem de Buracão e Fundão, estão fortemente ligados à formação de seu território e que se recuperados com a participação da comunidade local podem se tornar atrativos turísticos para o município de Araguari e também de Uberlândia, principal cidade do Triângulo Mineiro.

Isso significa que, no cotidiano das pessoas, alguns costumes ainda po-

dem ser encontrados nas relações familiares, na convivência entre amigos, na forma de falar e de se relacionar. Neste processo em que o velho não anula o novo, mas cria metamorfoses que possibilitam a vida das pessoas no lugar, os hábitos e costumes rurais ainda são reinventados. Isto posto, compreendemos que se o lugar for tratado com responsabilidade o turismo pode ser uma alternativa de renda para as pessoas que ali vivem. Assim, é mister que os recursos sociais e culturais das comunidades sejam impulsionadores do desenvolvimento, pois a autenticidade e conservação destes valores (recursos) são a garantia do êxito da atividade turística. O turismo deve exercer uma função protetora e potencializadora das culturas locais, incentivando a valorização e o respeito das mesmas por parte do poder público, dos visitantes e principalmente assegurar a participação da comunidade interessada em preservar os seus patrimônios culturais e ambientais.

#### REFERÊNCIAS

- 1 - SANTOS, R. J. Turismo de Evento e o Potencial Turístico Cultural de Uberlândia (MG), o maior centro urbano da bacia do rio Araguari. In: LIMA, S. do C. & SANTOS, R. J. dos. **Gestão Ambiental da Bacia do Rio Araguari**. Uberlândia: Universidade Federal/Instituto de Geografia; Brasília: CNPQ, 2004. 221 p. p. 185 – 201.
- 2 - BORGES, B. A. M. T. **Povoadores do Sertão do Rio da Prata**. Uberaba: ed. Vitória, 1996.
- 3 - SANTOS, Roosevelt José. Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. In: **Revista Sociedade & Natureza**, nº 11, janeiro/dezembro, 1999.
- 4 - CLAVAL, P. **A Geografia Cultural** (Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta). Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.
- 5 - SANTOS, R. J. & ALVES, K. B. **Registro do Patrimônio Cultural e Edificado das Áreas Diretamente Afetadas, de Entorno e Influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II**. Uberlândia (MG): Comoser, 2005. 152 p. p. 69-86.
- 6 - CARLOS, A. F. A. **O Lugar No/Do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- 7 - CARA, R. B. **Territórios de Lo Cotidiano (puntos de partida para la reflexión)**. In: MESQUIRA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org.). **Territórios do Cotidiano – uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Editoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), 1995. 206 p. p.67 – 75.

8 - MORAES, A. C. R. **GEOGRAFIA:** Pequena História Crítica. São Paulo: Editora Hucitec, 1990. Cap. 01, p. 13 – 20.

9 - BEZZI, M. L. **Região:** uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas. Santa Maria (RS): Editora da UFSM, 2004.